

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16568 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 22 - Educação Especial

UM LIVRO EM MULTIFORMATO: SUSTENTANDO ATIVIDADES VARIADAS A PARTIR DO DESENHO UNIVERSAL

Camila Della Passe Américo - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

UM LIVRO EM MULTIFORMATO: SUSTENTANDO ATIVIDADES VARIADAS A PARTIR DO DESENHO UNIVERSAL

RESUMO: A presente proposição trata-se de uma pesquisa de campo com os alunos de uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Municipal em área metropolitana, em que havia um estudante com baixa visão. O objetivo é analisar práticas inclusivas com base no Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) com a utilização de materiais em multiformato. A metodologia utilizada encontrou, no pesquisador, apoio e articulação com os estudantes. Pensava-se com eles e não somente *sobre* eles. A pesquisa iniciou a partir de vivências da autora com alunos com deficiência visual; um deles com certa “resistência” em receber materiais com adequações. Foram desenvolvidos materiais inspirados na história em multiformato *Como eu vou*: o jogo da memória e o bingo das palavras, em diferentes formatos, como o braille, tinta em fonte ampliada, imagens táteis e Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA). A partir da pesquisa foi possível observar que propostas desenvolvidas com base no DUA e com materiais em multiformato favorecem um ambiente inclusivo, pois todos podem participar, interagir e aprender no encontro *com* seus pares, tornando as aulas acessíveis não apenas a um ou a outro, mas a todos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Escolar. Desenho Universal para a aprendizagem. Livros em multiformato. Inclusão escolar.

Haja vista a conquista de acesso à escola comum, conta-se com o aumento de alunos público-alvo da Educação Especial (PAEE) matriculados nas escolas comuns (Brasil, 2024). A implementação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPI) apresenta, como um dos efeitos, a entrada e a permanência de estudantes com deficiência para que acessem e interajam com todos nos diversos espaços escolares com apoio do Atendimento Educacional Especializado (Brasil, 2008). Todavia, mesmo existindo políticas que garantam o acesso de estudantes PAEE na escola comum, há muitas barreiras que dificultam a sua plena inclusão.

Esta proposição trata-se de uma pesquisa de campo com os alunos de uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Municipal em área metropolitana, cujo objetivo é analisar práticas inclusivas com base no Desenho Universal para a Aprendizagem

(DUA) com a utilização de materiais em multiformato. Enfatiza-se que, na turma em questão, embora fosse do 5º ano, havia alunos em processo de alfabetização e com lacunas de aprendizagem, pois, em função da pandemia, muitos cursaram o 2º e o 3º anos de forma remota.

Parte-se do pressuposto de que ser uma pessoa com deficiência “[...] não é algo que uma pessoa é, em si mesma. Mas algo que ela se torna, quando articulada em certas práticas” (Moraes, 2010, p.31), por isso o rompimento das barreiras é muito importante e o desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas a partir de atividades e de materiais acessíveis com base no DUA pode ser um caminho.

A presente pesquisa iniciou quando a autora passou a ser professora de uma aluna com deficiência visual (cegueira), a Danielle (nome fictício) e, alguns anos depois, de um aluno com baixa visão, o João (nome fictício). No caso de Danielle, as propostas eram planejadas de forma a oferecer as mesmas atividades que as dos colegas, mas com adequações. Para isso, eram usados recursos como o braille, Soroban, audiodescrição e imagens táteis. Já ao João, inicialmente, eram oferecidas atividades ampliadas, entretanto, havia “resistência” em receber esses materiais por querer as mesmas dadas aos colegas. Assim, as atividades ampliadas passaram a ser disponibilizadas a quem desejasse e não somente a ele. Isso deu destaque a tal recurso e gerou “disputa”, inclusive pelo João, que reivindicava as dele.

As atividades para esses estudantes começaram a ser pensadas para garantirem desenho universal, para serem utilizadas por todos, crianças com e sem deficiência visual. Portanto, verificaram-se diversas propostas tendo como base o livro *Como eu vou*, que conta com multiformatos: braille, tinta em fonte ampliada e Comunicação Aumentativa e Alternativa (Freitas; Cardoso; Tezzari, 2022), proporcionando acesso a todos os alunos.

Sobre o DUA, Bock, Gesser e Nuernberg (2018) destacam um rompimento da ideia de se fazer um planejamento à turma e outro ao aluno público-alvo da Educação Especial. Importante garantir o multiformato a todas as crianças e não somente quando há um aluno com deficiência. Acredita-se que formatos diversos ampliam o acesso a todas as crianças. Os autores destacam que o DUA vislumbra mais do que a remoção de barreiras, ou seja, visa à projeção de cursos e de currículos para todos (Bock; Gesser; Nuernberg, 2018). Prais, Stein e Vitaliano (2020, p. 4) afirmam que os pressupostos didáticos do DUA “[...] indicam a flexibilidade aplicada ao currículo educacional e o aprimoramento nas propostas didáticas para melhor acesso à aprendizagem”.

A metodologia utilizada foi o pesquisarCOM com vistas a pesquisar *com* os estudantes e não somente *sobre* e *para* eles, pois “[...] pesquisar é conhecer com o outro e não conhecer sobre o outro” (Moraes; Manso; Monteiro, 2009, p. 787). Nesse sentido, buscou-se uma “transformação recíproca” em que fosse possível afetar e ser afetada (Moraes; Manso; Monteiro, 2009). Ao trabalhar pressupostos do pesquisarCOM, os alunos são reconhecidos como participantes no processo de pesquisa, envolvendo-os nas produções e análises dos

materiais. À prospeção e à análise do referencial teórico sobre o DUA, foram escolhidas as plataformas e o banco de dados da Scientific Electronic Library Online (SciELO).

Inicialmente, Danielle, aluna cega de 14 anos de outra turma, foi convidada a visitar a turma para protagonizar a contação da história do livro: *Como eu vou*. Ao chegar à sala, foi recebida com alegria. Os alunos já a conheciam tanto da escola como de outras atividades feitas em parceria. Ela se apresentou contando quando e como iniciou sua vida escolar, em qual ano estava, entre outras coisas.

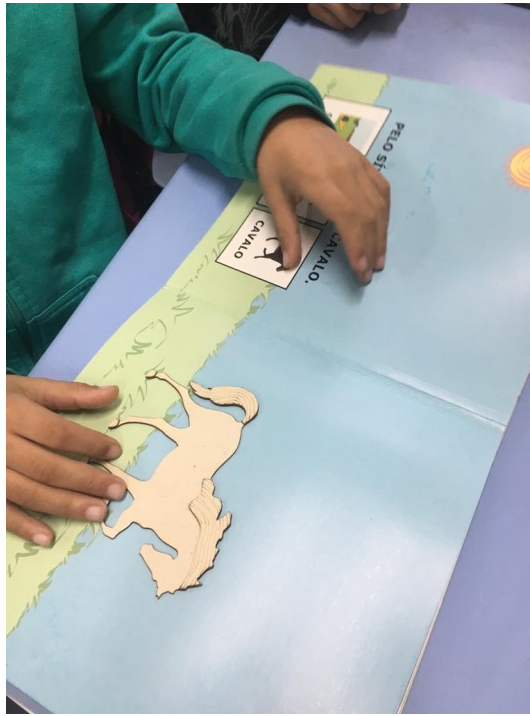
A eles, explicou-se o que é um livro multiformato. Nesse momento, foi solicitado para ela falar sobre a importância de termos um livro como aquele. Ao que disse: “Se o livro não fosse assim, eu estaria lendo PARA vocês e não poderia estar lendo COM vocês”. E continuou organizando a contação de história: “Eu vou ler a primeira parte da frase e vocês vão ler o final. Assim, vão ver que estamos lendo a mesma coisa: eu em braille, e vocês em tinta.”

Iniciou-se a leitura COM todos. Importa enfatizar a potência da fala de Danielle. Ela nasceu cega e sempre se destacou na escola. Teve acesso a atendimentos específicos desde bebê, o que faz muita diferença no desenvolvimento das pessoas com deficiência. É uma menina brilhante e teve a garantia de acesso a dispositivos suficientemente adequados em seu processo educativo. A pesquisa, na prática, estava começando e o perquisarCOM não poderia ter começado melhor. Estava de fato acontecendo!!

Depois, foram distribuídos os livros do *Como eu vou*. A maioria estava em braille, em tinta com fonte ampliada e tinha as imagens táteis; alguns outros eram em CAA. Nesse momento, foi explicado sobre a versão em CAA, isto é, esse “tipo de comunicação” pode auxiliar vários alunos, como os que estão aprendendo a ler, aqueles com autismo, etc.

Nesse ensejo, o aluno Vinícius (nome fictício), que possui autismo e estava aprendendo a ler, levantou a mão e quis trocar de livro, porquanto identificou que a obra com CAA lhe poderia ser mais adequado. Isso vai ao encontro da ideia do DUA, com a possibilidade de escolherem qual formato é mais adequado e qual trará benefícios. Nesse caso, estava oferecendo-lhes diferentes opções à percepção, ao uso da linguagem e à compreensão da história, que são diretrizes do DUA, porquanto poderiam realizar a leitura com um recurso adequado a eles.

Figura 1 – Aluno lendo livro



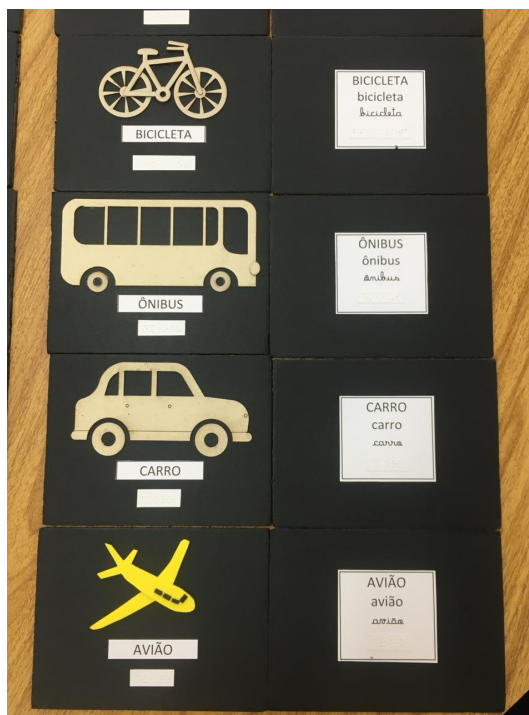
Fonte: Arquivo pessoal.

Descrição da imagem: foto colorida de um livro aberto da história *Como eu vou*. Na página da esquerda, há símbolos pictográficos; e, na página da direita, um cavalo em alto relevo feito em MDF. Mãos de uma criança sobre o livro; a direita toca as patas do cavalo.

Foram utilizados outros recursos: tela interativa e Chromebook para conhecer outros formatos e os recursos disponíveis do livro. Escutou-se a audiodescrição enquanto se folheava o livro físico de forma coletiva, e os alunos identificavam o que estava sendo lido. Também, foi possível assistir ao vídeo com a contação da história em Libras e o livro para folhear no site, explicando-lhes a possibilidade de acessarem de casa.

Em outra aula, foram utilizados “jogos da memória” desenvolvidos com base nos elementos da história. Foram produzidos jogos com os seguintes recursos: imagens táteis, fonte ampliada e CAA e diferentes tipos de letras. As escolhas foram pensadas no sentido de atender a todas as particularidades dos alunos a fim de jogarem juntos. A oportunidade de envolvimento com outras linguagens permitiu, a cada um e a todos, diferentes aprendizagens.

Figura 2 – Jogo da memória tátil



Fonte: Arquivo pessoal.

Descrição da imagem: fotografia colorida de oito peças do jogo da memória tátil da história *Como eu vou*. Estão dispostas em quatro linhas e duas colunas: na da esquerda, há as peças táteis; na parte de cima de cada peça, há uma imagem tátil; abaixo, a palavra em tinta e, mais abaixo, em braille. As peças com as imagens são: bicicleta, ônibus, carro e avião. Na segunda coluna, estão os pares das respectivas peças. As peças da segunda coluna não possuem imagens táteis, mas estão escritas com diferentes fontes: letra maiúscula, letra minúscula, letra cursiva e braille.

Na visita da Danielle, foi possível perceber que, mesmo tendo as imagens táteis, ela lia o braille para “comprovar” qual imagem era, então se decidiu sempre utilizar o braille junto às imagens táteis. Ao se deparar com um jogo da memória apenas com imagens, geralmente, no primeiro olhar, já se identifica qual é o par a ser encontrado. Para se identificarem imagens táteis apenas com o tato, demanda mais tempo, mesmo para quem já está acostumado a “ler com a ponta dos dedos”. Para que as pessoas, com e sem deficiência visual, possam jogar juntas com as mesmas oportunidades, o material precisa ser produzido pensando nessas especificidades. Para a realização do jogo, a turma se dividiu em grupos. Ao final, quando questionados sobre o que mais gostaram, responderam: “Que é divertido de ter a opção para pessoas com deficiência visual, pois é interativo, dá pra fazer com as amigas, nos divertimos jogando, ajuda a aprender braille, que usamos a sorte, e que ajuda a aprender a ler”.

Ao questioná-los de qual formato mais gostaram, o mais citado se referiu aos jogos com imagens táteis, o que reforça a ideia de que, ao se fazer uma atividade pensando em um aluno público-alvo da Educação Especial (nesse caso, um aluno com deficiência visual), pode-se despertar o interesse a todos os estudantes, além de ser possível auxiliá-los!

Outra atividade desenvolvida foi o “bingo das palavras”. Esse consistia em cartelas com palavras da história *Como eu vou* grafadas em fonte ampliada, letras maiúsculas e minúsculas. Algumas figuravam em braille e outras, CAA, conforme imagem abaixo:

Figura 3 – Bingo das palavras



Fonte: Arquivo pessoal.

Descrição da imagem: fotografia de cartelas de bingo em cima de um fundo de madeira. Há nove delas espalhadas; possuem duas linhas e três colunas, com uma palavra escrita em cada espaço, totalizando seis vocábulos. Algumas trazem palavras escritas em letra maiúscula, minúscula e em braille. Outras mostram a escrita em maiúscula, minúscula e o símbolo pictográfico correspondente à palavra.

Em relação ao bingo, outros bingos de palavras já haviam ocorrido com os alunos. Alguns precisavam do auxílio para identificar se havia, em suas cartelas, as palavras sorteadas por estarem em processo de alfabetização. Com a utilização dos pictogramas, todos conseguiram participar de maneira independente. Podiam escolher qual tipo de cartela queriam utilizar. Um fator de destaque: foi possível observar um maior interesse dos alunos para as cartelas que traziam os pictogramas, mesmo dos que possuíam a leitura fluente, reforçando a ideia de que diferentes recursos são interessantes a todos.

A partir do objetivo de analisar as práticas inclusivas com base no DUA e nos materiais em multiformato, destaca-se que as adequações nas aulas foram, inicialmente, realizadas de modo a oferecer ao João as mesmas atividades que as dos colegas, entretanto, mostraram-se muito potentes para ampliar possibilidades e enriquecer as aulas. Um material em diferentes formatos e com desenho universal interessou e beneficiou a todos e não somente ao João. Compreende-se que as propostas baseadas no DUA e com materiais em multiformato favorecem um ambiente inclusivo, pois todos podem participar, interagir e aprender no encontro *com* seus pares, tornando as aulas acessíveis não apenas a um ou a outro, mas a todos.

REFERÊNCIAS

- BOCK, Geisa Letícia Kempfer; GESSER, Marivete; NUERNBERG, Adriano Henrique. (2018). Desenho Universal para a Aprendizagem: a Produção Científica no Período de 2011 a 2016. **Revista Brasileira De Educação Especial**, [s.l.], 24 (Rev. bras. educ. espec., 2018 24(1)), 143–160. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382418000100011>. Acesso em: maio/2024
- BRASIL. **Censo da Educação Básica 2023**: notas estatísticas. Brasília, DF: Inep, 2024. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/notas_estatis. Acesso em: julho/2024
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC, SEESP, janeiro de 2008.
- FREITAS, Cláudia Rodrigues de; CARDOSO, Eduardo; TEZZARI, Mauren. COMO EU VOU: LITERATURA INFANTIL EM MULTIFORMATO. **Atos de Pesquisa em Educação**, [s.l.], v. 17, n. 1, p. e9384, jul. 2022. ISSN 1809-0354. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/9384>. Acesso em: maio/2024doi: <http://dx.doi.org/10.7867/1809-03542022e9384>
- MORAES, Márcia. PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual. *In*: Moraes, M. e Kastrup, V. **Exercícios de ver e não ver**: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2010.
- MORAES, Marcia; CARDOSO-MANSO, Carolina; LIMA-MONTEIRO, Ana Claudia. Afetar e ser afetado: corpo e cognição entre deficientes visuais. **Universitas Psychologica**, [s.l.], v. 8, n. 3, p. 785-792, 2009.
- PRAIS, Jacqueline Lidiane de Souza; STEIN, Jorama de Quadros; VITALIANO, Célia Regina. Desenho universal para a aprendizagem na promoção da educação inclusiva: uma revisão sistemática. **Revista Exitus**, [s.l.], v. 10, 2020.